

poemas de **André Setti**

Meu corpo é o teatro
da ruína e do sonho,
rio de imagens e música,
oceano navegado
por cavalos do espírito,
quando me entrego ao ritmo
dos ciclos múltiplos
da ruína e do delírio.

Babilônia fez seu império.
Meu corpo é o império do sonho.

*

O futuro seria penetrar ruínas,
tempo desafiando tempo,
no oculto movimento da fantasia,
como uma estrela celebrando
o nome cego do infinito
na casa do esquecimento.

Resta a estrada eterna:
eu, você, o vento.

De todos os tempos
declamados pelo sonho,
o futuro é o balé mais belo.

*

Num porto secular da memória,
bailo no caos,
destroçando as margens sagradas
das cifras antigas,
declamo piruetas no caos das ruínas,
as musas ocultas
calculam o sonho entre os destroços do templo,
navego como um trovador dos séculos,
ébrio peregrino,

o que vejo é meu caminho,
o oceano
devora o cérebro dos séculos,
sou uma ponte
a degolar os símbolos,
que navegam.

*

O curso do rio
é também o discurso do tempo,
num vaivém bravio
de vento e vaga.

A verdadeira saga
das geleiras da alma
é ver no compasso
mutilado do fracasso
o passado na palma das águas,
e mesmo assim perecer com calma,
a esmo, porém sem fim,
como um vintém do infinito,
fazer do perecer um rito
do abismo ou do istmo que nos navega
como uma bruma cega.

No entanto, se nega o canto a tecer
as escuras escrituras
do tempo e seus ferrenhos engenhos
do lento perecer.

*

Se o amor é minha sina,
quem poderia,
sonho após dia,
compor tão doce ruína?